PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES

OS IMPRESSOS DA UNIÃO RORAIMENSE DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS (URES) – Levantamento Histórico

Boa Vista-RR
Dezembro, 2004

PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES

OS IMPRESSOS DA UNIÃO RORAIMENSE DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS (URES) – Levantamento Histórico

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora:Prof. MSc. Maria Schirley Luft

Boa Vista-RR
Dezembro, 2004

PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES

OS IMPRESSOS DA UNIÃO RORAIMENSE DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS (URES) – Levantamento Histórico

Monografia apresentada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima, defendida no dia 18 de dezembro de 2004, atingindo a média de 8,0.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. MSc.Maria Schirley Luft (Presidente)
Mestre em Ciências da Comunicação – ECA/USP

Profa. MSc. Maria Goretti Leite de Lima (Membro)
Mestre em Multimeios – UNICAMP/Campinas

Profa. MSc. Sônia Costa Padilha (Membro)
Mestre em Ciências da Comunicação – ECA/USP

RESUMO

Através deste trabalho procuro resgatar a história dos impressos da União Roraimense de Estudantes Secundaristas – URES e sua importância para a mobilização do movimento estudantil estadual ao longo de décadas.

O resgate desta história nos possibilitou levantar aspectos relevantes que apontam os impressos da URES como instrumento de difusão de acontecimentos que marcaram a história do Estado de Roraima, e para manter informada a sociedade local, considerando que, em determinados períodos, estes foram o único porta-voz da população de Boa Vista.

A pesquisa nos possibilitou identificar as lutas e reivindicações de uma das primeiras organizações não governamentais do Estado de Roraima, e deverá subsidiar a edição de um livro sobre o tema futuramente.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, em primeiro lugar. Aos meus pais, Ebenezer Batista das Neves, Antonio Franco das Neves e ao meu bisavô Severino Mineiro, onde me espelho em cidadania e luta por esta terra. Aos meus mestres que souberam entender durante esses quatro anos o meu verdadeiro objetivo dentro desta instituição. Aos meus amigos de Curso, em especial ao companheiro Hélio Nascimento. E por fim, a minha orientadora Profa. MSc.Maria Schirley Luft, que me ensinou a palavra “superação” .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 07
CAPÍTULO 1. O Movimento Estudantil	p.10
CAPÍTULO 2. O papel da UNE	p.13
2.1. Retrospectiva da UNE	p. 15
CAPÍTULO 3. URES – Um breve histórico	p. 20
CAPÍTULO 4 – Os Jornais e a mobilização	p. 24
CAPÍTULO 5. Impressos da URES – Levantamento histórico	p. 28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 36
BIBLIOGRAFIA	p. 40
ANEXOS	p. 41

INTRODUÇÃO

O levantamento histórico dos impressos editados pela União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES) contribuiu para manter informados e mobilizados os estudantes de Roraima.

A idéia do trabalho surgiu já há algum tempo, desde o final de 2003, quando o autor dessa monografia assumiu pela primeira vez a presidência do Centro Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima - UFRR. Líder estudantil durante mais de 20 anos no estado de Roraima, (1984 à 2004), o pesquisador foi o primeiro presidente da URES – depois do golpe militar de 1964 - eleito em 1988.

A escolha do tema tem por objetivo resgatar a história dos impressos da União Rio-branquense de Estudantes Secundaristas (1952-1964) e da União Roraimense de Estudantes Secundaristas (1988-2004). A mesma sigla, o mesmo objetivo, apenas com as denominações diferentes em decorrência da mudança de nome do Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima, ocorrida em 13 de dezembro de 1962.

Para atingir os objetivos desse trabalho optamos pelo levantamento histórico dos impressos da URES por acreditarmos que esse seja o método mais adequado para analisar a linha editorial e outras questões importantes no que se refere a mobilização estudantil secundarista em Roraima.

Com o trabalho pretendo ressaltar a importância desses jornais, procurando identificar e entrevistar pessoas que dirigiram e escreveram nesses impressos que possam subsidiar futuros estudos acerca das organizações

estudantis, durante o período estudado, ou seja: de 1952 à 1960, de 1960 à 1964 e de 1988 à 2004.

A presente monografia será transformada em base documental, arquivada no Departamento de Comunicação da UFRR, e disponibilizada a estudantes e demais interessados nas questões da imprensa estudantil no estado de Roraima. Além disso, o movimento estudantil do Território Federal do Rio Branco terá a sua história registrada através desse estudo.

O levantamento histórico dos impressos será feito em três fases: A): A Gazeta Estudantil (1955); B): O Estudantil (1960-1964); C): O Movimento (1997-2001), buscando mostrar não só a realidade política juvenil de Roraima durante esse período, como também apresentar à sociedade, as principais lideranças, reivindicações e conquistas de uma entidade que serviu de base para a formação de várias lideranças políticas do estado, entre estas, de um governador[1].

O primeiro contato com o material de pesquisa permitiu identificar que os alunos não eram os únicos colaboradores desses impressos. É possível encontrar muitas manifestações de professores, diretores de escolas, homens, mulheres, leigos, religiosos, associações e instituições, grupos sociais que expunham suas idéias, preocupações sociais e culturais, diferenças, filiações ideológicas, experiências concretas e perspectivas futuras em relação às práticas escolares e sociais, conforme os impressos analisados (anexos).

O levantamento histórico dos impressos nos permitiu mostrar o ciclo de vida dos jornais. Partindo dessas questões as publicações pesquisadas foram selecionadas de acordo com sua importância para o movimento estudantil bem

[1] O Governador em questão é o engenheiro Neudo Ribeiro Campos, empossado Pres. da URES em 1962 e eleito governador do Estado de Roraima em 1994 e reeleito em 1998.

como pela sua representatividade durante três fases distintas vividas pela URES, com três nomes diferentes, conforme citado anteriormente, ou seja: ***Primeira Fase: A Gazeta Estudantil (uma edição)*** Número 03/ sábado, 13 de fevereiro de 1955; ***Segunda Fase: O Estudantil (dezessete edições);*** *Número 01/segunda-feira, 10 de outubro de 1960 ao número 22/26 de fevereiro de 1964;* ***Terceira Fase: O Movimento (sete edições);*** *Número 01/junho de 1997 ao número 05/novembro de 1997 e número 01/maio de 2001 ao número 02/maio de 2001.*

CAPÍTULO 1. O MOVIMENTO ESTUDANTIL

> "O estudante é a vanguarda de sua época, é sempre quem está a sugerir novas idéias, buscando soluções aos problemas sociais e políticos".(POENER, Artur José. O Poder Jovem – História da participação política dos estudantes brasileiros. Editora Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 1979, pág. 47 – São Paulo)

O movimento estudantil tem uma trajetória de luta através das mobilizações sociais. E quando falo em mobilizações sociais, falo de lutas, batalhas, reivindicações que marcaram a vida estudantil principalmente no Brasil. Os estudantes sempre estiveram na vanguarda dos movimentos sociais do Brasil e do mundo. Isso nos faz acreditar que sem a presença dos estudantes, da juventude no cenário político, tudo fica cinzento, tudo fica sem expressão.

O escritor Artur José Poener, autor do livro *"O Poder Jovem – História da participação política dos estudantes brasileiros"*, quando ainda era estudante de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1979, conseguiu resgatar a história do movimento estudantil brasileiro, numa obra de grande repercussão. Com relação a esse livro o escritor Pery Constant Beviláqua, afirmou: "(...), vem preencher uma lacuna em nossa bibliografia. Não é do meu conhecimento, pelo menos a existência de uma obra que trate do assunto como fez o autor, Artur José Poener".

Eu acredito que Poener ousou quando publicou o seu livro. Em poucas linhas ele consegue repassar o quanto foi e é importante a presença dos estudantes nas ruas, seja comemorando ou fazendo reivindicações.

Em uma análise histórica bem conceituada, o próprio Jornal da UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas, 1993, (São Paulo), afirma que a ação dos estudantes em vários momentos políticos do país foi decisiva:

> "Foram os estudantes organizados que tomaram à frente em várias batalhas contra os conservadores de plantão, que muitas vezes, tentaram impedir o progresso do país, defendendo seus interesses oligárquicos. Os estudantes, em grandes momentos de nossa história, foram impedidos de se manifestar. Dentre todos os seus inimigos, o principal algoz foi o regime militar - 1964 a 1984. Neste período os militares os jogaram na clandestinidade, prendendo, e até matando os que resistiam a suas nefastas idéias. Mas em nenhum momento os estudantes se entregaram, sempre estavam em luta na busca pela Justiça e pelos Direitos de cidadão. O resultado não podia ser outro, aos poucos a resistência, com o apoio da sociedade civil, foi minando o regime e a força dos militares, que acabaram cedendo, finalmente, em 1984. Ano em que aconteceu a eleição indireta para Presidente" (Jornal da UBES, 1993 – São Paulo)

Essa afirmação consegue repassar bem a importância de um movimento estudantil organizado e atuante no cenário político brasileiro. As idéias estudantis são sempre inovadoras, ousadas muitas vezes, à frente de sua época.

O livro de Poener também atribui um significado importante à palavra *rebelião* para a vida política estudantil. No Capítulo 1. *"O Estudante no Brasil Colônia"*, o autor procura registrar a importância do movimento estudantil brasileiro desde os tempos coloniais: "A visão que todos têm é que este movimento iniciou-se apenas com a criação da UNE–União Nacional dos Estudantes, em 1937".

O autor coloca que, a partir deste ano, o movimento conseguiu se organizar e centralizar as suas ações, mas que muito antes:

> "(...) em 1710, quando da invasão que mais de mil soldados franceses sob o comando de Jean François Duclerc, empreendem no Rio de Janeiro. Depois de conseguir penetrar na cidade, aparentemente desguarnecida e deserta, expedição estrangeira sofreu sua primeira decepção (...)". (O Poder Jovem, 1979, p. 48).

Poener cita em seu livro, trechos de Contos Patrióticos do escritor Olavo Bilac, sobre a invasão dos franceses ao Rio de Janeiro, quando a população, as maiorias estudantes, expulsaram os invasores.

> "... viram (os franceses), defendendo o caminho, uma multidão de moços que os esperava de pé firme. Não havia uma farda nas suas fileiras. Todas as fardas estavam ainda no campo do Rosário cercando o Governador (Francisco de Castro Morais), que hesitava e vacilava, sem resolver a cortar o passo aos invasores. Os que guardavam a rua Direita eram todos moços. Quantos? Quatrocentos ou quinhentos, se tanto. Desiguais, nas armas, como no vestuário, tinham-se reunido à pressa, ao acaso. Cada um apanhava a primeira arma que encontrava à mão. Eram quase todos estudantes... E antes que Duclerc desse o sinal de ataque, já eles o atacavam, de surpresa, arrojando-se irrefletidamente. Possuíam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo apressaram o ataque, que se fez à arma branca, com uma bravura a que os impelia ao desespero. Os franceses mal puderam resistir ao primeiro choque".(O Poder Jovem, 1979, páginas 48 e 49).

Em 1966, o Jornal do Brasil publica um artigo intitulado *"A verdade do movimento estudantil"*, onde os articulistas usam pela primeira vez a palavra *inconformismo* para explicar a real necessidade do movimento estudantil brasileiro:

> "As manifestações estudantis do passado brasileiro representam sempre uma posição de inconformismo da classe média urbana. As motivações aparentes do inconformismo são as mais variadas, mas um elo comum pode ser obtido: a superação das formas sociais nas diversas épocas, sejam elas colônia, regência, império, escravatura" (Antônio Noronha Filho e Pedro Meira, Jornal do Brasil, 06/11/66).

A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi uma das entidades que mais contribuiu para a consolidação do movimento estudantil no Brasil, conforme procuramos registrar no Capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2. O PAPEL DA UNE

Com a fundação da União Nacional dos Estudantes - UNE, em 13 de agosto de 1937, o movimento estudantil passa a participar mais ativamente do cenário político brasileiro. A UNE participa de movimentos importantes: manifesta-se contra o regime nazi-fascista que se instaurava no país com o Estado Novo; exige uma posição do Brasil contra a Alemanha; e luta pelo fim da ditadura do Presidente Getúlio Vargas.

Em 31 de março de 1964: Insatisfeitos com os rumos do governo Jango, os militares, apoiados por setores sociais conservadores, dão o golpe de Estado que leva o Brasil para uma longa ditadura militar. No dia 1° de abril, a sede da UNE é incendiada no Rio de Janeiro. Os estudantes tentam resistir ao golpe militar. Mesmo sem sede a entidade continua ativa, na clandestinidade, criticando a intervenção norte-americana na educação brasileira. Em 1968, enquanto o Brasil vive tempos de violenta repressão, explodem em vários países as manifestações estudantis.

Mesmo sob forte repressão, líderes estudantis atendem a convocação da clandestina UNE para o seu 30° Congresso, realizado em Ibiúna, interior de São Paulo. O encontro é interrompido com a invasão da polícia, que prende centenas de estudantes. Com a decretação do Ato Institucional número 5, os cidadãos brasileiros vivem a violência: direitos políticos são cassados, intelectuais demitidos do serviço público, presos políticos torturados e desaparecidos.

Com o AI-5 em vigor, os movimentos estudantis de massa desaparecem para voltar no final da década de 70. Desta vez, para lutar pela anistia e pela volta ao regime democrático.

O movimento estudantil volta à legalidade em 1985 e os grêmios e centros estudantis começam a ressurgir em todo o País. Em 1992, os estudantes brasileiros manifestam-se em massa a favor do impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello.

Como podemos perceber a participação dos estudantes foi decisiva em vários momentos sociais e políticos do Brasil. A partidarização dos estudantes se deu principalmente através das correntes estudantis dentro das duas entidades nacionais, a UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas, com destaque para a UJS-União da Juventude Socialista. Já na UNE, se destaca a corrente da Juventude do Partidos dos Trabalhadores e Viração, que juntamente com a UJS são ligadas ao Partido Comunista do Brasil –PC do B.

Com a partidarização das entidades estudantis o movimento estudantil nacional entra numa fase de decadência. Fruto das disputas internas das diversas correntes estudantis ligadas à partidos políticos, o movimento tem se projetado apenas no que diz respeito à expedição das carteiras estudantis se burocratizando nas lutas e reivindicações.

O refluxo desta luta se deu depois do *impeachment* de Collor. Muitas lideranças abandonaram o movimento estudantil para se dedicarem à política partidária. A exemplo disso, o ex-presidente da UNE, Lindberg Farias, eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, em 1998.

RAMAGNOLI, Luiz Henrique – e Tânia Gonçalves – História Imediata número 05 – A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador.Editora Alfa Omega. São Paulo. 1979.
Jornal da UBES, 1993 – São Paulo.

2.1. Retrospectiva da UNE

Em 11 de agosto de 1937, com a instalação do 1º Congresso Nacional de Estudantes, nasce a UNE, dirigida pela Presidente da Casa do Estudante do Brasil, Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça. Era proibida a discussão de temas políticos, apesar de que a entidade jamais se curvou diante das ameaças e desempenhou bem o seu papel mesmo durante os anos de repressão.

Destaco algumas atividades e conquistas importantes da entidade as quais foram divididas em torno das últimas cinco décadas mais conturbadas. Nos anos 30, é realizado o I Congresso Nacional de Estudantes ou o II Congresso da UNE, como ficou conhecido e já adquire uma conotação política desde a sua abertura. É eleito o primeiro Presidente, o gaúcho Valdir Ramos Borges. A primeira diretoria passa a coordenar, com total insuficiência de recursos, as atividades das organizações estudantis em todo país. A entidade é despejada da sede da Cada do Estudante do Brasil e se reúne no III Conselho Nacional de Estudantes que, entre outras medidas, cria a carteira única do estudante.

Os anos seguintes se constituem no período mais significativo da UNE. Com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, a entidade dirige a sua primeira mensagem de paz *"À Mocidade do Brasil e das Américas".* Dando continuidade à campanha contra as potências do Eixo lideradas pela Alemanha, os estudantes tomam o prédio onde funcionava o Clube Germânia, na Praia do Flamengo no Rio de Janeiro. Uma das suas mais importantes atividades é a Campanha Universitário Pró-Bônus da Guerra,

Campanha Pró-Banco de Sangue, e o Combate à Quinta Coluna. A UNE rompe com o Estado Novo, realiza o seu IX Congresso e elege o seu presidente, o estudante udenista José Bonifácio Coutinho Nogueira.

Em 1946 a entidade sofre um esvaziamento político, limitando-se às atividades assistencialistas. Só no ano seguinte é realizado o seu X Congresso sendo eleito, Roberto Gusmão que dá ênfase ao período de hegemonia socialista na entidade. É lançada a Campanha em Defesa do Patrimônio Territorial e Econômico. No ano de 1948 a sua sede é invadida pela primeira vez por forças policiais, por ocasião do Congresso da Paz e dos protestos estudantis contra o aumento das passagens de bonde. De 1950 até 1956, está a chamada quarta fase da UNE, que vai se caracterizar pelo domínio direitista.

Nos anos 50, inicia a campanha pela criação da Petrobrás. Em 1955 a organização estudantil faz a campanha para a obtenção de empregos públicos. A presidência vai para as mãos de Carlos Veloso de Oliveira. Inicia-se a fase de recuperação democrática. Já nos anos 60 a ação dos estudantes começa a se voltar para ações mais ousadas. Inicia-se o movimento pela reforma universitária do país, que consegue repercutir em todas as áreas, a partir da "Carta do Paraná", culminando com a criação do Centro Popular de Cultura (CPC) e da UNE-VOLANTE, que leva por todo o país a discussão da reforma universitária, o teatro e o cinema populares. Em 1962 e 1963 é realizado o XXV Congresso Nacional dos Estudantes, que elege Vinicius Caldeira Brandt, já sob clima de tensão e cercado de aparato policial. Com o golpe militar de 1964 a entidade perde a sua sede à praia do Flamengo. Suas lideranças são presas ou exiladas. O CPC desaparece. Queda do presidente João Goulart.

O governo militar em 1965 resolve extinguir a UNE através de um decreto . O paulista Antônio Xavier é eleito presidente.

Em 1966 a entidade estudantil denuncia a intervenção norte-americana na educação brasileira. Mesmo na ilegalidade realiza o XXVIII Congresso, no porão da Igreja de São Francisco de Assis, em Belo Horizonte. É eleito presidente o mineiro José Luís Moreira Guedes. Em setembro, a UNE decreta greve geral. Decreta-se o Dia Nacional de Luta contra a Ditadura. No ano seguinte, a entidade realiza o XXIX Congresso, em Valinhos (SP), na clandestinidade. Luís Travassos é o novo presidente. O governo acaba, também, com o Diretório Nacional dos Estudantes, criado por ele mesmo, em substituição a UNE. Os estudantes participam da campanha estadual pelo voto nulo, ao mesmo tempo em que suas esperanças começam a se voltar para experiência guerrilheira.

No ano 1968, precisamente em março, morre o estudante Edson Luís, assassinado no restaurante Calabouço ONDE. Em junho, ocorre a passeata dos Cem Mil. Em outubro, realiza-se o XXX Congresso, em Ibiúna. Todos os participantes são presos, inclusive o presidente eleito, Luis Travassos. Em dezembro, o governo decreta o AI-5 e "Centros Cívicos" substituem os grêmios estudantis. Em fevereiro do ano seguinte, decreta-se o 477, que penalizava alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino público. É o ano que a UNE, totalmente clandestina, elege, através de congressinhos Regionais, Jean Marc Von Der Weid como presidente. Jean Marc também acaba preso em setembro.

Com a ditadura militar imposta, os estudantes entram na década de 70 com quase todas as lideranças presas ou exiladas. O movimento estudantil realiza atos isolados, dentre eles, uma missa pelo transcurso do segundo aniversário de morte

de Édson Luís. Em 1971, Honestino Guimarães, 1º vice de Jean Marc, é efetivado presidente da UNE, num minicongresso, em setembro. Não há mais condições de sobrevivência para o movimento estudantil, embora nunca tenham deixado de pipocar tentativas e ações isoladas de protesto.

Durante o período de 1972 até 1976, o movimento ficou praticamente parado. Só em 1977 os estudantes voltam às ruas, intensificando a luta contra a ditadura. Pedem mais verbas para as universidades, rebaixamento de preço das mensalidades e a libertação dos colegas presos.

Em 1978 os estudantes organizam o congresso de reconstrução da UNE. Neste mesmo ano o AI-5 é revogado e no ano seguinte a entidade é a primeira a sair da clandestinidade, realizando a primeira eleição por voto direto em sua história.

Em 1980, a diretoria decide retomar a antiga sede na Praia do Flamengo, interditada pelo Corpo de Bombeiros. Em junho, apesar da reação popular, o Tribunal Federal de Recursos manda demolir o prédio. Em outubro, Aldo Rabelo se elege presidente. A atuação desta diretoria fez com que o movimento sindical criasse coragem de se reorganizar. Já em 1982, Clara Araújo é a primeira mulher a assumir a presidência da UNE. Em 1984 a entidade participa da Campanha das "Diretas Já". O movimento estudantil apóia a candidatura de Tancredo Neves à presidência. No ano seguinte, são extintos os Centros Cívicos e é permitida a reorganização dos grêmios estudantis. Assinado o decreto presidencial que traz a entidade de volta à legalidade. Gisela Mendonça é eleita por voto direto a nova presidente da UNE. Já em 1992 o paraibano Lindberg Farias é eleito presidente. O movimento estudantil, liderado pela UNE readquire o seu prestígio político ao comandar, em todo país, sucessivas manifestações de rua, que culminam com o

impeachment do presidente Collor. No ano seguinte é a vez do pernambucano Fernando Gusmão, que conseguiu retomar o terreno da Praia do Flamengo, nº 132 para a entidade. O ato de entrega foi comemorado no restaurante Lamas, no Rio de Janeiro, na companhia do Presidente da República Itamar Franco, em 17 de maio de 1994.

Hoje, o movimento estudantil está representado em todos os estados brasileiros, além do Distrito Federal, através dos grêmios estudantis, uniões municipais e estaduais, com a UBES, além dos centros acadêmicos e diretórios centrais, nas faculdades, com a UNE.

CAPÍTULO 3. URES – Um breve histórico

A URES foi fundada em 27 de julho de 1952 – na época em que Roraima chamava-se Território Federal do Rio Branco, sua fundação contou com a presença dos estudantes das escolas Lobo D'almada, Euclides da Cunha, São José e Monteiro Lobato. O pesquisador não teve acesso aos documentos do Cartório Deusdete Coelho em Boa Vista, para identificar os sócios fundadores da entidade, assim como levantar todos os dados referentes às primeiras diretorias da entidade. Segundo dirigentes do cartório muitos documentos estão na cidade de Manaus (AM) e que outros são de difícil manuseio em decorrência das más condições do papel em virtude do tempo.

A atuação do movimento estudantil no território ganhou destaque a partir de 1955 quando suas ações passaram a ser divulgadas pelo seu jornal informativo, intitulado *A Gazeta Estudantil.* Neste ano o estudante Zildo Batista Torreia respondia pela presidência da entidade. Nesse período outras lideranças começaram a se destacar, como Cloter S. Mota, Areolino Pires Pereira, Luiz Hitler Lucena, Francisco Queiroz Correa, Alípio A de Lima, Murilo Bezerra de Menezes e Jaber Xaud. A década de 50 mostra uma URES ainda em formação. Sem sede, as ações dos estudantes nesse período se voltaram para a formação dos grêmios estudantis com atividades culturais e esportivas. O jornal impresso recebeu uma atenção especial nessa fase, com apoio inclusive da Imprensa Oficial do Governo para a sua impressão.

Nos anos 60, o movimento começa a se organizar e constitui uma sede provisória localizada na Avenida Bento Brasil, nº 134, Cx. Postal nº 184. O estudante do Ginásio Euclides da Cunha, Francisco Galvão Soares, e o professor e padre Eugênio Possamai, fundam o jornal O Estudantil. A primeira edição circulou no dia 10 de outubro de 1960 com o lema "Órgão independente e noticioso da URES".

Esse período, de 1960 a 1964, é considerado por várias lideranças estudantis, como o tempo em que o movimento estudantil se projetou no cenário político local e em alguns momentos, foi a vanguarda de reivindicações não só dos estudantes, mas como de toda a população do Território. Em 1961, os estudantes denunciaram a crise em que passava a capital Boa Vista em decorrência a falta de chuva na localidade, impossibilitando a ligação fluvial com o resto do país.

É nesse mesmo período que o movimento estudantil realiza uma série de manifestações contar o aumento no preço da carne bovina, no preço do cinema e para unificação na seleção dos livros a serem adotados nas escolas. Em 1964, os militares assumem o controle do país. Nesse ano, o presidente da URES era o estudante do Ginásio Euclides da Cunha ,Francisco Galvão Soares[2]. Segundo ele a resistência ao golpe militar foi muito tímida (entrevista em anexo – fita k7, feita em 10.11.2004). Muitas lideranças estudantis como Santóris Melo e Ipojucan Souto foram convocados ao batalhão do exército para prestarem esclarecimentos. Outros tiveram que fugir para a Venezuela e Guiana, como por exemplo, o líder estudantil Amazonas Brasil. A partir deste ano, a URES deixa de atuar no cenário político local.

[2] Atualmente Francisco Galvão Soares é jornalista graduado pela Universidade Federal de Roraima - UFRR, tendo já atuado como assessor de imprensa no Estado de Roraima no Governo de Flamarion Portela e ter assumido a Direção da Rádio Roraima AM 590 no período de 2000 à 2002.

Em 1985, a Lei Federal 7.398, de 04 de novembro, foi sancionada pelo presidente da República José Sarney autorizando a organização livre dos estudantes secundaristas e universitários.

O primeiro congresso de reconstrução da URES foi realizado em 1988, na Escola Estadual Gonçalves Dias contando com a participação de diversas lideranças estudantis. A falta de material impresso por conta da falta de recursos não impediu a mobilização dos estudantes à época, fazendo com que a divulgação do evento fosse feita no boca a boca. Foi durante esse congresso que o pesquisador desta monografia foi eleito presidente da entidade por um período de dois anos.

Entre as metas da nova diretoria estava a expansão do movimento estudantil secundarista, com a criação da União Municipal de Estudantes Secundaristas de Boa Vista – UMES-BV, em 1990. Nos anos de 1992 e 1993, os estudantes saíram às ruas de Boa Vista e pressionaram a Câmara Municipal de Boa Vista a votar as leis que asseguraram a meia passagem e a meia entrada aos secundaristas e universitários. O uso exclusivo da carteirinha da URES/UMES nos descontos se consolidou.

Em 1994, o pesquisador volta a assumir a presidência da entidade estudantil estadual ficando no cargo até 1996. Nesse período a URES mobilizou os estudantes para recuperar o seu terreno, localizado no centro de Boa Vista, confiscado pela ditadura militar em 1964. Na época, o governador do estado, Ottomar de Sousa Pinto devolve o prédio aos estudantes.

Em 1997, o estudante Hélio Nascimento da Escola Técnica Federal de Roraima, é eleito presidente da entidade, dando início a uma nova fase no movimento estudantil secundarista no Estado e de modernização nos trabalhos de

atendimento ao estudante. É nesse mesmo ano que os impressos da entidade voltam a ser editados já com um novo nome, *"O Movimento"* – alusivo ao slogan do grupo que se intitulava "Movimento estudantil, forte, unido e atuante". Durante essa gestão a URES procura se consolidar e mostrar força através da realização de uma série de passeatas em Boa Vista por um ensino de qualidade e pela paz. Nesse mesmo período, a união entre os estudantes é motivo de destaque na imprensa local em decorrência do trabalho conjunto envolvendo as diversas entidades estudantis levando milhares de estudantes às ruas da cidade (fotos anexas).

Nos anos seguintes, o movimento estudantil roraimense, se envolve diretamente no processo político partidário do estado apoiando publicamente a candidatura ao governo de Roraima do engenheiro Neudo Ribeiro Campos em 1998.

Somente a partir de 2001 os estudantes voltam às ruas para impedir a redução no número de vales estudantis fazendo valer o seu recebimento nos finais de semanas e feriados. Em ambas reivindicações, os estudantes foram derrotados.

Hoje, o movimento estudantil roraimense está representado pela URES, pela UMES de Boa Vista, Grêmios estudantis, Diretórios Central dos Estudantes da UFRR-DCE, Centros Acadêmicos e pela Associação dos Estudantes de Roraima -ASSOER.

Infelizmente, a principal atividade do movimento estudantil roraimense, hoje, é a expedição da carteira de identidade estudantil. As passeatas, reivindicações são cada vez mais escassas. Em conversa por telefone – visto que o mesmo não quis dar entrevista, o atual presidente da URES, estudante Kilvio Valoes, afirmou que "(...) o movimento estudantil precisa de recursos para se movimentar " - atribuindo a falta de recursos como principal obstáculo para o movimento voltar às ruas .

CAPÍTULO 4 - OS JORNAIS E A MOBILIZAÇÃO

> Ninguém mais útil, pois do aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente e desenvolver as sombras do futuro. (Hipólito da Costa, Jornal, História e Técnica – Juarez Bahia, 1990, página 03).

Com essa afirmação, Hipólito da Costa, destaca bem a importância dos impressos para o resgate histórico de uma sociedade no que diz respeito as mais diversas reivindicações. Ele destaca que o bloqueio cultural imposto por Portugal no Brasil Colônia só foi burlado pela insubmissão oral e manuscrita.

Conforme Juarez Bahia, ainda nos séculos XVII e XVIII, o jornalismo que precede a tipografia restabelece formas antigas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica para exprimir a insatisfação popular contra o domínio estrangeiro. Tanto que na Bahia e em São Paulo, a partir de 1587, autores de gazetins escritos e falados sofrem devassas dos jesuítas.

Diante dos fatos a história da própria imprensa está relacionada com o passado e presente de uma sociedade. Registrar, documentar, reivindicar, criticar são metas de um jornalismo crítico voltado para determinados setores da sociedade.

Como bem destacou o professor Juarez Bahia (1990, p. 31), que a própria igreja chegou a se incomodar com os impressos. Isso ocorreu na Segunda metade de 1500, durante 1600 e 1700, onde documentos do Santo Ofício e historiadores

como Afonso de Taunay registram queixas da Igreja e da autoridade colonial, quase sempre dirigidas ao marquês de Pombal, contra a ação de maldizentes e “ruins de boca”, “pasquineiros” e “grasnadores” (...)”, sendo que muitos desses jornalistas chegaram a cumprir penas de prisão, e até enforcamento.

Juarez Bahia procura mostrar em seu livro *“Jornal, História e Técnica, História da Imprensa Brasileira”,* o que significou o impresso antes da letra de forma:

> “O jornalismo brasileiro anterior à letra de forma se expressa pelos novidadeiros de rua e de café, pela carta, pela sátira, pelo panfleto, pelo verbo oral e escrito. Bem ou mal, seus autores atingem os objetivos: ora contra uma justiça bastarda e vendida, ora contra uma igreja conivente, ora contra o colonialista tirânico”.(*Jornal, História e Técnica, História da Imprensa Brasileira* páginas 31 e 32)

Diante do papel do jornal impresso de levar a informação aos diversos setores da sociedade, sentiu-se essa necessidade de expandir as suas idéias através destes impressos. Isso aconteceu com os partidos, grupos organizados, como sindicatos e o próprio movimento estudantil, inseridos aí os grupos jovens das organizações religiosas.

O destaque maior dentro desta vertente da imprensa social, é a imprensa operária, que alimentava uma contracultura libertária.

Para entendermos a imprensa estudantil, temos que compreender o papel da imprensa social. O escritor Edgar Rodrigues no seu livro “P*equena história da Imprensa Social no Brasil”*, Editora Insular, Santa Catarina, 1997, afirma que:

> “A própria pesquisa histórica em cima dessa imprensa é feita sem qualquer sentido de objetividade ou de verdade. Esses "historiadores", muitas vezes, o que não conseguem ocultar, falsificam, conseguindo o feito de passar por muitas décadas de movimento operário e imprensa social, quase sem lhe reconhecer a existência . Para eles, o movimento operário só passou a existir quando, de alguma forma,

> começou a ser domesticado pela burocracia do estado" (1997, página 37).

O autor é categórico ao afirmar aos que querem conhecer um pouco mais da história do movimento operário e das idéias sociais no Brasil, possam usar este instrumento e buscar com seus próprios olhos ler os impressos alternativos. *"Esses jornais, que foram o maior esforço até hoje feito no Brasil para produzir informação e cultura fora das mesas do Poder" (* "P*equena história da Imprensa Social no Brasil"*, 1997, (página 37).

A imprensa alternativa ou operária representa a liberdade de um povo, em decorrência da falta de espaço nos grandes impressos, em grande parte atrelados à elite do poder. Surgem assim os jornais panfletários, cujo objetivo é levar a mensagem dos dominados.

O escritor Rivaldo Chinem, no seu livro *Imprensa Alternativa, jornalismo de oposição e inovação*, afirma que:

> "(...) a imprensa alternativa fazia oposição sistemática ao regime militar, denunciava a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico. Vivíamos a época do chamado "milagre" – que se mostrou, afinal, só um malogro. Entre a verdade e a lenda, a propaganda oficial e parte da grande imprensa davam preferência ao que era mais cômodo, ao que interessava aos donos do poder".

Jornais alternativos, como da UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e da própria URES foram criados com este propósito.

> "A grande maioria dos estudantes ignora a importância do movimento estudantil e como ele pode ajudar a melhorar a escola e a própria sociedade. Mas isso pode mudar, se houver informação correta por parte do Jornal Estudantil". (Filip Andersson, editor do Clube do Jornal de Fortaleza – CE, 2003).

O direito de ter uma entidade autônoma que represente seus interesses é garantido a todos os estudantes secundaristas e universitários, sejam eles de escolas e faculdades públicas e particulares através de leis federais. Hoje, a escolha dos representantes no caso dos grêmios e dos centros acadêmicos é restrita apenas aos alunos através do voto direto e secreto. As entidades estudantis não podem sofrer a imposição e manipulação de qualquer pessoa de outro segmento escolar/acadêmico (nem pais, nem professores ou servidores).

A escola ou faculdade que tem sua entidade atuante e capacitada para discutir sobre educação e outros assuntos de importância precisa mobilizar e levar toda a informação aos filiados e a sociedade como um todo.

> "O jornal estudantil tem a sua parte de responsabilidade para a realização desse sonho através de sua missão: informar e controlar a ética dos processos e veicular todas as opiniões e debates, além é claro de mobilizar toda a classe estudantil para as mais diversas mobilizações e reivindicações", segundo Filip Andersson, editor do Clube do Jornal de Fortaleza – CE, 2003.

Acredito que os impressos da URES conseguiram levar essa mensagem de mobilização e rebeldia para toda a juventude roraimense, durante as três fases em que circularam.

CAPÍTULO 5 - IMPRESSOS DA URES (Levantamento histórico)

Pelo menos 25 impressos, entre informativos internos e noticiosos desta entidade estudantil foram recuperados e estão servindo como objeto da presente pesquisa.

Com o Golpe Militar de 64 as entidades estudantis foram impedidas de funcionar. Muitos documentos foram queimados e distribuídos entre os militantes. O Governo Militar durou 21 anos (1964-1985) e está dividido em três fases. A primeira (governos Castello Branco e Costa e Silva) compreende o período de implantação das chamadas “reformas de base” do ciclo militar. A Segunda fase (general Garrastazu Médici) – iniciada com o AI-5 em dezembro de 1968 e encerrada com a posse do General Ernesto Geisel – caracterizou-se pelo estrangulamento do espaço político, pela ação da censura e pelo desmantelamento da guerrilha. A terceira e última fase (de Geisel a Figueredo) foi de crise econômica, ascensão inflacionária, escândalos administrativos e crescimento da oposição.

O regime militar chegou ao fim em 1985, com a eleição da chapa Tancredo Neves/José Sarney no colégio eleitoral. Nesse período os impressos da URES deixaram de circular assim como a sua atividade. Só em 1988, três anos após a abertura política, a URES foi reativada, retornando somente em 1997, 33 anos depois, com a impressão dos seus jornais.

O levantamento histórico dos impressos se deu em três fases distintas. A primeira compreende o impresso "*A Gazeta Estudantil"*, o primeiro órgão de comunicação da URES, editado a partir de 1955. A segunda fase dar-se-á a partir de 1960, com a edição do noticioso *"O Estudantil",* até o ano de 1964. E a terceira e última fase, acontece a partir da publicação do impresso *O Movimento*, editado em junho de 1997, só retornando em 2001 com duas edições. São três fases com três nomes diferentes: 1. **Primeira Fase: *A Gazeta Estudantil;*** 2. **Segunda Fase: *O Estudantil; 3*. Terceira Fase: *O Movimento***.

1. ***Primeira Fase: A Gazeta Estudantil*** (1.1955, Ano I – Número 03, sábado, 03 de fevereiro)

A *Gazeta Estudantil* foi o primeiro jornal a ser impresso como órgão de informação da URES. O expediente dessa edição afirma ser um órgão quinzenal, de propriedade da União Rio-branquense de Estudantes Secundaristas, composto e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial. O jornal trabalhava com o sistema de assinaturas com número avulso, assinatura anual e outros estados (via aérea). O expediente apresentava o estudante Zildo Batista Torreias como Presidente da URES, Cloter S. Mota como Diretor e Areolino Pires Pereira como Secretário. Na equipe de redatores, Luiz Hitler Lucena, Francisco Queiroz Correa e Alípio A de Lima. Além de trazer artigos assinados por estudantes, e demais membros da comunidade escolar, o impresso abria espaço para publicidade de diversas lojas existentes naquela época.

A diagramação do jornal era feita em cinco colunas, papel jornal e tipo tablóide com 04 páginas. Tinha como manchete principal: *"Incentiva a nossa classe, o pres. da União Brasileira dos Estudantes Secundários".* Fazendo uma ressalva a mensagem do Presidente da UBES, Carlos Salzano Vieira da Cunha. A Gazeta Estudantil circulou por cerca de cinco anos. O Jornal era voltado basicamente para divulgar as ações da URES e do movimento estudantil nacional. O pesquisador

conseguiu recuperar apenas uma edição do impresso. O diretor de imprensa da URES em 1954, Murilo Bezerra, hoje diretor da Imprensa Oficial do Estado, em entrevista concedida a este pesquisador no 10.12.2004, pouco sabe da atuação dos impressos da entidade naquele período (entrevista em anexo na Fita K-7). Muitos dos colaboradores do impresso não moram mais em Roraima ou já faleceram.

2. ***Segunda Fase: O Estudantil***: 1.1960, Ano I – número 01/Segunda-feira, 10 de outubro; 2.1960, Ano I – número 02/Segunda-feira, 17 de outubro; 3.1960, Ano I – número 03/Domingo, 25 de dezembro; 4.1961, Ano II-número 04/01 de janeiro; 5.1961, Ano II-número 05/28 de maio; 6.1961, Ano II-número */26 de junho; 7.1961, Ano II-número 07/23 de julho; 8.1961/Ano II, número 10/13 de setembro; 9.1961/Ano II, número 11/25 de dezembro; 10.1962/Ano III, número 13/06 de junho; 11.1962/Ano III, número 15/ sábado, 21 de julho; 12.1962/Ano III, número 16/sábado, 04 de agosto; 13.1962/Ano III, número 17/sábado, 25 de agosto; 14.1962/Ano III, número 18/quinta-feira, 13 de dezembro; 15.1963/Ano IV, número 19/sábado, 16 de fevereiro; 16.1963/Ano IV número 21/1 de outubro; 17.1964, Ano IV – número 22/26 de fevereiro.

O segundo jornal a circular foi publicado oito anos após a fundação da URES. O estudante do Ginásio Euclides da Cunha Francisco Galvão Soares, e o professor e padre Eugênio Possamai, fundam *O Estudantil.* O jornal era datilografado e mimeografado contendo seis páginas de papel sulfite. A primeira edição circulou no dia 10 de outubro de 1960 com o lema “Órgão independente e noticioso da URES”.

Apesar de se tratar de um jornal estudantil, nas primeiras edições, a tendência editorial do impresso é voltada para o religioso, por isso a presença de um padre como redator – visto que a igreja católica tinha um grande poder em gerenciar a educação naquela época, principalmente nas escolas diocesanas de São José e

Euclides da Cunha. O artigo assinado pelo estudante José Duarte é o que mais se iguala ao discurso reivindicatório e de convocação aos estudantes secundaristas nesta primeira edição.

A partir do ano seguinte, o jornal toma uma linha mais voltada a debater as questões educacionais e da própria sociedade do Rio Branco. Segundo o jornalista Francisco Galvão Soares, em entrevista concedida no dia 10/11/2004 para a presente pesquisa, num período de dois anos, apenas o Estudantil circulou na cidade, trazendo notícias inclusive nacionais, de caráter educacional e político, como é o caso da manchete do jornal número 05, datado de 28 de maio de 1961 que afirma em seu editorial:

> "(...) o mercado público é palco das mais tristes e imperiosas cenas, quando os pais de famílias, procuram em vão, sem encontrar um único alimento capaz de satisfazer as exigências do organismo humano. Nas margens dos rios, presenciamos, dramas os mais chocantes, quando à busca do peixe centenas de pessoas, ali ficam lamentando a situação crítica e bastante faminta de nossa cidade. Providências já foram tomadas e esperamos que dentro de breves dias – a cidade boa-vistense volte a ter sua vida normal, sobrevivendo assim, sua população, de mais um verão forte e impiedoso, faminto e abrasador, único responsável pela mal fadada crise que atualmente apodera-se de nossa gente. Os primeiros socorros já estão sendo chegados, aviões da aeronáutica já começaram a trazer combustol, leite e cereais, faltando apenas solucionar o problema gado".

O jornal também publica muitas mensagens, poemas, e curiosidades. A partir de maio de 1962, Edição número 12, passou a ser feito na gráfica da Imprensa Oficial. A redação do jornal funcionou na própria sede da URES, em uma pequena sala, localizada à Av. Getúlio Vargas. Na redação das notícias, os estudantes se alternavam no uso da máquina de datilografia (conforme fotos em anexo**).**

Outra edição que merece destaque é a do dia 26 de junho de 1961, quando a manchete do *O Estudantil* apresenta: *"Aniversaria hoje o Governador Djaci*

Cavalcanti de Arruda". Em homenagem ao governador, a diretoria da URES faz uma edição especial; não destaca, porém, nem o número da edição do impresso, onde, segundo a nota publicada no jornal, em seus trechos finais *"(...) A URES, através das colunas do O Estudantil, agradece ao Dr. Djaci Arruda pelo auxílio que dispensou a juventude, fazendo circular o seu jornalzinho impresso; e que constitui um novo marco para nossa querida terra, haja vista a necessidade de um jornal em nossa cidade"*. Nesse período, apenas o impresso da URES circulava na cidade.

Na edição do dia 04 de agosto de 1962, edição de número 16, o jornal *O Estudantil,* traz matéria de capa intitulada *"Pres. da URES afastou-se"*. Trata-se do estudante José Montenegro Peixoto, tendo assumido o cargo o estudante da Escola Euclides da Cunha Neudo Ribeiro Campos, em virtude da ausência do Presidente do Conselho Superior. Em certo trecho, a matéria afirma:

"(...) Ao assumir a Presidência Neudo disse que apesar de inexperiente, tentará corresponder ao cargo que passa a ocupar, pedindo a colaboração dos estudantes (...)" 3.

Nas edições seguintes, a direção da URES apresentou um jornal com linha editorial mais voltada às questões locais e nacionalistas. O jornalista Galvão Soares afirma que a grande parcela dos estudantes secundaristas daquela época não se envolviam diretamente nas questões políticas partidárias. A última edição do *O Estudantil* de número 22 circulou no final de fevereiro de 1964, poucos dias antes do Golpe Militar de 31 de março de 1964. A partir deste ano, o movimento estudantil fica proibido em todo o Brasil. Neste ano, o presidente da URES era o estudante Francisco Galvão Soares, um dos fundadores do jornal, sobre o qual falamos anteriormente, sendo que a equipe de redação era composta ainda pelos

estudantes: Ruberval Vasconcelos – Diretor; Antonio Vandenildo de Queiroz – Diretor redator; Pedro de Souza Fernandes – Secretário, enquanto o Território Federal do Rio Branco tinha mudado de nome para Território Federal de Roraima.

---

3 Anos depois, em 1994, o mesmo Neudo Ribeiro Campos, viria ser eleito o primeiro governador roraimense após a abertura política de 1985.

> 3. ***Terceira Fase: O Movimento*** 1.1997, Ano I –número 01 de junho;2.1997/Ano I-número 02; 3.1997/Ano I – número 03 de agosto/setembro; 4.1997/Ano I – número 04 de outubro;5.1997/Ano I – número 05 de novembro; 6.2001/Ano V – número 01 de maio; 7.2001/Ano V – número 02 de maio.

Depois de 24 anos desativada, a URES voltou em 1988, com a realização de congressos e formação de grêmios estudantis, além da fundação, em 1990, da UMES-União Municipal de Estudantes Secundaristas de Boa Vista. De 1988 a 1996 nenhum impresso da URES foi editado. Só em junho de 1997, é que o primeiro impresso, pós-golpe militar, foi produzido, numa forma de convocar os estudantes secundaristas para o XII Congresso da entidade e o V da UMES (em anexo**)** . O jornal foi batizado com o nome de *"O Movimento".*

No expediente do impresso, com tiragem de 500 exemplares, além do endereço da sede própria, localizada à Rua Araújo Filho, 820 – Centro. A presidência da URES era do estudante Hélio Nascimento Ferreira; Vice-Presidência de Elizabete Demétrio Lira; Presidência da UMES de Nelcivânia das Neves Camelo; Vice-Presidência de Damosiel Alencar.

A presidência da CESUR – Casa dos Estudantes Secundaristas e Universitários de Roraima era do autor dessa monografia e como Secretário Adjunto, Ênio Moura; as fotos do jornalista Platão Arantes.

Nas outras edições, os estudantes apresentaram matérias contra a administração do Governador Neudo Campos – já em seu segundo mandato (edição número 02-1997). O aumento do número de vales estudantil é destaque na edição de número 03. Com a manchete *"Governador agride movimento estudantil"*, de outubro do mesmo ano, a direção da URES publica, em seu impresso, uma foto do governador em audiência com a entidade. No mesmo jornal, os estudantes publicam matéria falando sobre a morte de 37 crianças na maternidade de Boa Vista ocorrida no ano de 1996. O título da manchete é *"Saúde – Morte na Maternidade"*, colocando culpa no governo pelo o ocorrido. Durante esse o jornal foi confeccionado até a edição número 05, datado de novembro de 1997, com uma tiragem de 2 mil exemplares, feito em papel jornal, tipo tablóide e trazendo como manchete – *"Estudante é espancado por policiais militares"* (em anexo).

Durante os anos seguintes o impresso não circulou, sendo que somente em maio de 2001, sob a presidência da estudante Maria dos Santos Mesquita, *O Movimento* volta a ser impresso em duas edições, com uma importante manchete para a comunidade estudantil, intitulada *"Prefeita trama contra os estudantes"* – matéria sobre o projeto de lei do Vereador Otoniel de Souza, que seria votado na Câmara com o apoio da Prefeita Teresa Jucá. O projeto de lei não permitia a partir da data de sua aprovação, os estudantes pagarem meia passagem nos ônibus, durante os finais de semana e feriados.

A última edição de *O Movimento* circulou no mês de maio de 2001, tendo como manchete: *"Vereadores aplicam golpe contra estudantes"* – matéria informando a classe estudantil da votação do projeto que reduziu de 75 para 44 o número de Vales-Transporte Estudantil, e a proibição de pagar a meia passagem nos finais de semana e feriados (anexo). As duas últimas edições de *O Movimento* foram feitas em papel jornal tipo ofício, não contendo expediente, nem tiragem.

Já fazem mais de três anos que a URES não edita nenhum tipo de jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa estudantil tem o seu destaque na conscientização de gerações. Ao fazer esse levantamento histórico nos impressos oficiais e noticiosos da União Rio-branquense de Estudantes Secundaristas, hoje União Roraimense de Estudantes Secundaristas, e realizar entrevistas com pessoas envolvidas diretamente com o movimento em Roraima, pude constatar o quanto a existência desses jornais foi de utilidade não só a comunidade estudantil, mas para toda a sociedade local.

Durante três diferentes momentos, a URES editou três jornais que não só mantiveram a mobilização permanente dos estudantes no período em que circularam, mas toda uma sociedade esclarecida da importância da luta, união e persistência do movimento estudantil roraimense, como é apresentado na primeira fase com a Gazeta Estudantil.

Na década de 60, antes do golpe militar, o impresso da URES, durante quase dois anos foi o único jornal a circular em Roraima, levando notícias

estudantis, política nacional e local. Ao fazer essa pesquisa nos impressos da URES, pude desvendar essa cultura reivindicatória e de luta do aluno roraimense, considerando que os jornais eram produzidos em sua quase que totalidade pelos próprios estudantes.

Os textos em sua grande maioria produzidos pelos estudantes trazem assuntos diversos que vão desde a formação de grêmios, reivindicações a nível nacional, a assuntos do dia-dia como é específico do jornal *O Estudantil* - esforço de compreensão de como e quanto esses impressos normalizaram o cotidiano estudantil na sua época.

Vale ressaltar que a ação dos governantes na área da educação dependia muito das ações da URES e do que o impresso publicava. A verdade é que os governantes naquela época (1960/1964) tinham muito receio de virarem manchete negativa nos impressos da entidade, daí, acredito o espaço aberto dentro da imprensa oficial do Governo para a impressão do O Estudantil. Com o impresso mais próximo, maior a fiscalização.

Já com a edição do impresso da URES em 1997, essa segunda fase significou um acirramento de confronto entre o movimento estudantil e os governantes. O Jornal serviu para criticar principalmente as ações governamentais na área de educação. Com uma baixa tiragem e com a população muito maior do que nas décadas de 50 e 60, os impressos da URES eram distribuídos apenas nas escolas – cerca de cinco por instituição.

Na terceira e última fase, o impresso serviu de porta-voz dos estudantes ao criticarem as ações do governo municipal, em 2001, tirando os direitos já

conquistados pela classe, como mostrar a manchete da última edição do *O Movimento*, criticando os vereadores que votaram contra os estudantes.

Acredito como líder estudantil e autor desse estudo que o movimento estudantil não pode ficar apenas na expedição de carteiras estudantis. A organização dos grêmios estudantis representa esta retomada – mas é necessário planejamento – conforme artigo do editor da Folha de Boa Vista, Jessé Souza4, publicada naquele veículo no dia 03 de setembro de 2003 (em anexo):

> "(...) O movimento estudantil era tido pelo jovem como um instrumento importante para o seu desenvolvimento político, ideológico e intelectual. A veia contestadora e revolucionária nessa idade encontrava abrigo na bandeira de luta por uma país democrático . A falência da família como instituição, a degradação da escola como o segundo lar e a perda da credibilidade das igrejas (envolvidas com escândalo de pedofilia, no caso das católicas, e a transformação do dízimo em comércio, no caso de muitas evangélicas) afogaram o jovem no mundo da incerteza e do vazio de sentido. Aqui em Roraima, a realidade dos jovens é penosa, na maioria dos casos. Os grêmios estudantis perderam sua força diante da transformação das entidades estudantis em palanque eleitoral e barganha político-partidária (..)" .

Acredito que a principal contribuição dessa pesquisa para a União Roraimense de Estudantes é que a mesma terá uma pesquisa acadêmica contando a sua história como uma das entidades de vanguarda do movimento social do Estado.

O jornal estudantil é um dos meios que pode fazer com que a grande maioria dos estudantes passe a dar importância ao movimento estudantil e como ele pode ajudar a escola e a própria sociedade. *"Isso pode mudar, se houver informação correta por parte do Jornal Estudantil"*, conforme Filip Andersson, editor do Clube do Jornal de Fortaleza – CE, 2003, na página 26 deste trabalho.

A construção de um projeto, intitulado, Grupo Mídia e Ação, fortaleceria a organização do movimento estudantil. Os estudantes sempre se identificaram com os chamados “jornalzinhos”. Editar um jornal requer um trabalho em equipe. A falta de projetos sociais/artísticos nas escolas, como dança, teatro, contribui para que os estudantes se afastem da mobilização.

Este trabalho pretende contribuir para que possamos mostrar para as autoridades educacionais, o quanto os impressos estudantis são importantes para a construção de um projeto maior de formação estudantil, organizando os grêmios estudantis.

Resgatar esta organização de luta e de defesa dos estudantes, através do incentivo na elaboração dos jornais estudantis é um grande desafio, assim como levar ao público a história do movimento estudantil roraimense. Principalmente os documentos do período de 1960 e 1964, que retrata um momento político bastante conturbado da nossa história local. Hoje, muitos dos documentos de 1964 a 1985 estão sendo revelados pela grande imprensa nacional. O Estado de Roraima precisa também revelar os seus. E o movimento estudantil, através deste trabalho poderá dar esse pontapé inicial.

Está lançado o desafio.

BIBLIOGRAFIA

BAHIA. Juarez - Jornal, História e Técnica, História da Imprensa Brasileira. Editora Ática. São Paulo. 1990.

CLUBE DO JORNAL – Publicação da Organização Não Governamental Comunicação e Cultura. Ceará. 2003.

CHINEM, Rivaldo. Imprensa Alternativa, Jornalismo de oposição e inovação. São Paulo, Editora Ática, 2000.

FREITAS, Aimberê - Geografia e História de Roraima – Editora Corprint Gráfica e Editora Ltda. São Paulo. 2001.

PELOTAS, A imprensa Estudantil em. Produção e circulação de jornais de alunos de escolas pelotenses – Sub-projeto 1 das professoras Dra. Eliane Peres (UFMG), Ms. Giana Lange do Amaral (UFRGS). Rio Grande do Sul. 2001.

POENER, Artur José. O Poder Jovem – História da participação política dos estudantes brasileiros. Editora Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 1979.

RODRIGUES, Edgar. Pequena história da Imprensa Social no Brasil. Editora Insular. Santa Catarina. 1997.

RAMAGNOLI, Luiz Henrique – e Tânia Gonçalves – História Imediata número 05 – A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador.Editora. Alfa Omega. São Paulo. 1979.

UBES. Jornal da União Brasileira de Estudantes Secundaristas. São Paulo. 1993.

URES. Impressos. Primeira Fase: A Gazeta Estudantil1. 1955 Ano I – Número 03/ sábado, 13 de fevereiro. Segunda Fase: O Estudantil 1960, Ano I, número 01/Segunda-feira, 10 de outubro; 2.1960, Ano I – número 02/Segunda-feira, 17 de outubro; 3.1960, Ano I – número 03/Domingo, 25 de dezembro; 4.1961, Ano I I-número 04/01 de janeiro;5.1961, Ano II- número 05/28 de maio;6.1961, Ano II-número */26 de junho;7.1961, Ano II- número 07/23 de julho;8.1961/Ano II número 10/13 de setembro;9.1961/Ano II número 11/25 de dezembro;10.1962/Ano III número 13/06 de junho;11.1962/Ano III número 15/ sábado, 21 de julho;12.1962/Ano III, número 16/sábado, 04 de agosto;
13.1962/Ano III, número 17/sábado, 25 de agosto; 14.1962/Ano III, número 18/quinta-feira, 13 de dezembro; 15.1963/Ano IV, número 19/sábado, 16 de fevereiro; 16.1963/Ano IV número 21/1 de outubro; 17.1964, Ano IV – número 22/26 de fevereiro. Terceira Fase: O Movimento 1.1997, Ano I –número 01 de junho; 2.1997/Ano I-número 2; 1997/Ano I – número 03 de agosto/setembro; 4.1997/Ano I – número 04 outubro. 5.1997/Ano I – número 05 de novembro; 6.2001/Ano V – número 01 de maio; 7.2001/Ano V – número 02 de maio.